

HISTÓRIA DA REPRESENTATIVIDADE NEGRA NAS HQS: UMA ANÁLISE DE O PANTERA NEGRA - UMA NAÇÃO SOB NOSSOS PÉS (2016)¹

Kaick Yuri Vieira da Silva²

RESUMO

A pesquisa analisou a representatividade e a representação social de pessoas negras nas histórias em quadrinhos norte-americanas, com destaque para a publicação Pantera Negra-Uma nação sob nossos pés – volumes 1, 2, 3, publicada no ano de 2016. Por meio de uma revisão da literatura acadêmica sobre o tema das HQs e de uma análise da representação de personagens negras nos quadrinhos desde o seu surgimento foi possível compreender a construção dessas representações tanto tematicamente como visualmente. O estudo concluiu que as HQs têm o poder de promover a identidade, a empatia e a familiaridade entre os personagens e seus leitores, por isso é crucial que as histórias em quadrinhos continuem a evoluir e abraçar o antirracismo, a inclusão. Por seu alcance na cultura pop, os quadrinhos têm o poder de ser uma ferramenta de transformação cultural, capaz de desafiar estereótipos, derrubar barreiras e promover um ambiente mais justo e representativo para todos.

Palavras-chaves: negros nas histórias em quadrinhos; Pantera Negra (personagem fictício) - estudo de casos; Pantera Negra, uma nação sob nossos pés - crítica e interpretação.

ABSTRACT

The research analyzed the representativity and social representation of Black people in American comic books, with a focus on the publication "Black Panther: A Nation Under Our Feet" – volumes 1, 2, 3, published in 2016. Through a review of academic literature on the topic of comics and an analysis of the representation of Black characters in comics since their inception, it was possible to understand the construction of these representations both thematically and visually. The study concluded that comics have the power to promote identity, empathy, and familiarity between characters and their readers, making it crucial for comic books to continue evolving and embracing anti-racism and inclusion. Given their reach in pop culture, comics have the power to be a tool for cultural transformation, capable of challenging stereotypes, breaking down barriers, and promoting a more just and representative environment for all.

Keywords: black people in comic books; Black Panther (fictional character) - case study; Black Panther, a nation beneath our feet - criticism and interpretation.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em História, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Maria Cláudia Cardoso Ferreira.

² Bacharel em Humanidades e graduando em História pela UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

As histórias em quadrinhos têm despertado cada vez mais interesse como objeto de estudo acadêmico. Através de sua linguagem visual e narrativa peculiar, as histórias em quadrinhos oferecem uma rica fonte de análise e pesquisa acadêmica.

A análise da relação entre histórias em quadrinhos e a História não é algo novo no meio acadêmico. Marc Ferro em suas obras "A manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação" (1983) e "A história vigiada" (1989), destaca o uso dos quadrinhos como um recurso político-ideológico na criação e manutenção de uma versão oficial dos eventos históricos. O historiador Michel Vovelle também dedica parte de suas pesquisas à análise dos valores sociais presentes nas histórias em quadrinhos, como abordado em seu livro "Imagens e imaginário na História" (Bonifácio, 2005, p.03).

Além da linguagem visual, as histórias em quadrinhos são uma poderosa forma de expressão cultural. Elas oferecem uma plataforma para explorar questões sociais, culturais e políticas bem como para refletir a diversidade. Por meio de suas histórias e personagens, as histórias em quadrinhos podem abordar questões como identidade, gênero, raça, sexualidade, desigualdade social e muito mais.

Ao estudar as histórias em quadrinhos é possível examinar como elas refletem os valores, as crenças e as ideologias de uma determinada cultura. Além disso, as histórias em quadrinhos muitas vezes têm uma longa história e estão conectadas a eventos e mudanças sociais específicos. Ao explorar essa história, é possível entender como as histórias em quadrinhos se desenvolveram ao longo do tempo e como foram influenciadas por fatores externos.

Os estudos acadêmicos sobre histórias em quadrinhos têm se expandido e ganhado reconhecimento ao longo do tempo. Existem publicações especializadas dedicadas à pesquisa em histórias em quadrinhos.

Isso mostra que as histórias em quadrinhos são consideradas um campo legítimo de estudo acadêmico, capaz de fornecer conhecimentos relevantes para diversas disciplinas, como literatura, arte, estudos culturais, estudos de mídia e comunicação, entre outros.

Em resumo, as histórias em quadrinhos são uma fonte rica para serem abordadas nos estudos acadêmicos. Sua combinação única de linguagem visual, narrativa e expressão cultural as torna uma forma de arte e literatura digna de análise e investigação. Ao estudar as histórias em quadrinhos, podemos desvendar os múltiplos significados.

As histórias em quadrinhos são produtos da Indústria Cultural que fornecem respostas sobre mundos representativos que são construídos por meio do diálogo entre produtores e consumidores, abrangendo não apenas grupos ou militâncias políticas. Ao longo do tempo, os quadrinhos têm recebido cada vez mais atenção teórico-metodológica devido à sua singularidade e importância cultural (Bonifácio, 2005).

Diante desse contexto, durante o período em que estive estudando na Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira, tive a oportunidade de ampliar meus conhecimentos sobre a cultura Afro-brasileira e africana. Essa compreensão só foi possível por meio da troca de experiências proporcionada pela integração entre Brasil e África, através das histórias e vivências compartilhadas por colegas e professores que enriqueceram meu aprendizado.

Através dessas interações, pude ter uma visão mais profunda da riqueza cultural e da diversidade presente nas raízes afrodescendentes no Brasil e no Continente Africano. Os estudos focado nas questões África e Brasil contribuíram para a construção de uma visão mais abrangente e reflexiva sobre a influência da cultura afro na sociedade brasileira e nas relações entre Brasil e África.

Através dessas trocas culturais e dos debates e discussões realizados durante meu tempo na universidade foi possível uma maior conscientização sobre a importância da igualdade racial, da valorização da diversidade étnico-cultural e da luta contra o racismo e a discriminação. Essa experiência acadêmica proporcionou uma abertura para a compreensão e para a desconstrução de estereótipos, fomentando a busca por uma sociedade mais inclusiva, justa e igualitária.

Foi possível trabalhar com a análise das histórias em quadrinhos. Tema que eu, particularmente, tenho afinidade. Diante desse contexto acadêmico, pude explorar a importância e o impacto das HQs como meio de comunicação e expressão artística. Estudei a evolução das histórias em quadrinhos, desde suas origens até os dias atuais, analisando sua influência cultural e seu papel na sociedade.

Minha afinidade pessoal com o tema das histórias em quadrinhos me motivou a explorar diferentes abordagens teóricas e críticas, aprofundando meu conhecimento e contribuindo para a discussão acadêmica sobre esse meio de expressão. Essa experiência me proporcionou uma perspectiva mais ampla sobre as possibilidades artísticas e comunicativas das HQs, e despertou meu interesse em continuar estudando e pesquisando nessa área.

Nesse sentido, o trabalho que apresento tem a sua relevância acadêmica pois buscou realizar uma análise crítica das histórias em quadrinhos, destacando sua evolução, importância

cultural e impacto como meio de comunicação e expressão artística. Ele também discute a importância da representatividade e da representação social nas histórias em quadrinhos, com foco no personagem Pantera Negra. O texto contribui para diferentes áreas acadêmicas, como estudos culturais, literatura, comunicação e mídia, ao fornecer uma visão informada sobre as histórias em quadrinhos e a importância da representação autêntica e inclusiva na cultura pop. Ele também conecta as temáticas abordadas com questões mais amplas da sociedade, história e identidade.

Ainda considerando a relevância acadêmica desse trabalho, a pesquisa em questão teve como objetivo teórico-metodológico de estudo investigar a representatividade e representação dos personagens negros nas histórias em quadrinhos, tendo como base para a discussão as HQs do **Pantera Negra-Uma nação sob nossos pés** – volumes 1, 2, 3. Do autor norte americano Ta-Nehisi Coates, examinando sua diversidade, complexidade e autenticidade. Foi analisado como esses personagens são retratados, considerando tanto aspectos visuais quanto narrativos, a fim de compreender a importância da representatividade e representação dos personagens negro.

Para tanto foi realizada primeiramente um levantamento da literatura, uma revisão da literatura acadêmica e a crítica sobre a representação dos negros nas histórias em quadrinhos. Identificamos conceitos e debates relevantes relacionados ao tema da representatividade e da representação, buscando embasar nossa análise e interpretar os resultados obtidos. Através dessa revisão, compreendemos a importância de analisar criticamente as representações dos personagens negros e sua relevância para a sociedade. Selecionamos um conjunto representativo de artigos sobre as histórias em quadrinhos para análise. E com isso, se almejou obter uma visão abrangente das diferentes abordagens e contextos em que essas representações são apresentadas.

A pesquisa também teve um análise temática e simbólica na qual identificamos e realizamos uma análise visual, examinando as características físicas dos personagens, a fim de compreender como esses aspectos contribuem para sua representação. Além disso, exploramos os estereótipos, associados aos personagens negros buscando identificar possíveis limitações ou perpetuações de estereótipos prejudiciais. Avaliei também a complexidade e profundidade na construção desses personagens, considerando suas motivações, desenvolvimento ao longo da história, relacionamentos e narrativas individuais.

Levando em consideração o contexto histórico e social em que as histórias em quadrinhos foram produzidas, foi analisado como movimentos sociais, eventos históricos e

mudanças culturais relacionadas à luta pelos Direitos Civis e à representação dos negros na mídia podem ter influenciado as representações encontradas.

A monografia está estruturada em quatro capítulos, com alguns deles contendo subcapítulos. Essa organização permite uma abordagem detalhada e abrangente do tema em estudo.

No capítulo I: A História das histórias em quadrinhos, é apresentado uma análise da evolução e importância das histórias em quadrinhos (HQs) como meio de comunicação e expressão artística. São abordadas suas origens, sua relevância cultural e sua capacidade de envolver públicos de todas as idades. O texto explora as diferentes denominações dadas às HQs em diferentes países, mas ressalta que todas se referem ao mesmo objeto artístico.

No capítulo II: Representatividade, é abordado a importância da representação negra na construção da identidade e cultura dessa comunidade. São mencionadas as ideias de estudiosos sobre as representações sociais e sua relação com a formação dos indivíduos em um grupo. O texto destaca a necessidade de compreender o significado e o impacto da representação negra, bem como os fatores que influenciam sua mudança e transformação. No subcapítulo II.I: Representatividade negra na HQs temos a contextualização da representação do negro nos quadrinhos ao longo da história, que foi marcada por estereótipos e subalternidade, refletindo a cultura racista da época.

Já o capítulo III: O Pantera Negra e a nação africana de Wakanda, se aborda a relevância do personagem Pantera Negra e de Wakanda; busquei destacar a importância de romper com os estereótipos e distorções frequentemente presentes nas representações da África nos quadrinhos.

Por fim, o capítulo IV: Uma análise da série de quadrinhos "Pantera Negra: Uma Nação Sob Nossos Pés", escrita por Ta-Nehisi Coates, teve como objetivo de legitimar a identidade, representatividade e representação do negro nas histórias em quadrinhos.

Portanto, em conclusão a pesquisa apresentou uma análise abrangente e detalhada sobre o tema em questão. Os diferentes capítulos e sub capítulos proporcionaram uma compreensão mais aprofundada dos assuntos abordados. Ampliando o conhecimento sobre a cultura africana e a importância das histórias em quadrinhos. A pesquisa contribuiu para a valorização da diversidade cultural, o enriquecimento do diálogo intercultural e a promoção da representatividade. Além disso, forneceu um ponto de partida para estudos futuros e reflexões sobre o tema, evidenciando a relevância e a complexidade dessas questões na sociedade contemporânea.

2 CAPÍTULO I- A HISTÓRIA DAS HISTÓRIA EM QUADRINHOS

Nesse capítulo que trata a história das histórias em quadrinhos (HQs) é apresentada uma análise minuciosa da evolução desse meio de comunicação e expressão artística. Ao desvendar suas origens, o leitor é transportado para os primórdios desse fascinante universo, compreendendo as raízes que deram origem às icônicas páginas ilustradas que conhecemos atualmente.

Através de um mergulho histórico é possível observar o desenvolvimento e transformação das HQs ao longo dos anos, destacando sua relevância cultural e sua capacidade de envolver e cativar públicos de todas as idades. As histórias em quadrinhos são um fenômeno cultural presente em diversas nações ao redor do mundo.

Cada país tem sua própria forma de se referir a elas. Nos Estados Unidos, são conhecidas como "Comics", enquanto na Itália são chamadas de "Fumetti". Na França e na Bélgica, adotam a nomenclatura de "Bande Dessinée", e nos países de língua espanhola, utiliza-se o termo "Historietas". Em Portugal, encontramos a expressão "Banda Desenhada", na Espanha é chamada de "Tebeo", e no Japão, "Mangá" é o termo utilizado. Já no Brasil, podemos usar tanto "histórias em quadrinhos" quanto simplesmente "quadrinhos".

Embora possuam diferentes denominações, todas essas expressões referem-se ao mesmo objeto artístico: as histórias em quadrinhos. Mas, afinal, o que define uma história em quadrinhos? As Histórias em Quadrinhos são um importante meio de comunicação, que atingem todas as faixas etárias. A associação de imagens com as palavras, exerce grande fascínio para os mais diversos tipos de leitores.

De acordo com o famoso desenhista norte americano, Will Eisner (2005, p. 5), as histórias em quadrinhos são como uma “arte sequencial”, ou seja, uma “forma artística e literária que lida com a disposição de figuras ou imagens e palavras para narrar uma história ou dramatizar uma ideia”.

Scott McCloud, por sua vez traz uma definição diferente da apresentada por Wil Eisner. Para McColu histórias em quadrinhos podem ser compreendidas como “imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberadas destinadas a transmitir informação e/ou produzir uma resposta no espectador” (McCloud, 1995, p. 9).” Já na visão de (Moya, 1977, p.110) os quadrinhos, “são um conjunto e uma sequência”. São compostos por quadros que combinam dois meios de comunicação diferentes: o desenho e o texto. Sua principal unidade narrativa é o próprio quadrinho, também denominado de vinheta.

Ainda neste contexto, Paiva aponta que as HQs são um tipo de arte específica. “Não é literatura, não é pintura nem desenho, e sim uma junção de várias expressões artísticas, mas que forma outra que se diferencia das demais. É uma linguagem e também uma forma de comunicação, além de ser um meio de entretenimento” (Paiva, 201, p. 27)”.

Diante dessas definições é correto dizer que as HQs exploram o potencial comunicativo e estético. Com sua capacidade de contar histórias de forma concisa e impactante, as histórias em quadrinhos se estabeleceram como um meio de comunicação poderoso, capaz de transmitir mensagens complexas e emocionar seu público de maneira única.

Os Quadrinhos (HQ) são amplamente conhecidos, recheados de mistério, suspense, ação e fantasia captam a atenção de leitores de todas as idades, que sentem empatia pelos protagonistas e se colocam no lugar deles ao enfrentar o mundo (Barroso; Zamperatti, 2020). Especialmente as clássicas HQs, que abordam uma ampla variedade de temas e gêneros, explorando desde histórias de aventura e ficção científica até dramas emocionantes, comédias e reflexões profundas sobre a condição humana além do clássico heróis e vilões.

Caracterizam-se pela linguagem visual dominante como recurso de comunicação, em que cenas individuais são sequenciadas para construir um movimento narrativo. Sempre inovando e acompanhando a história, as HQs foram e são utilizadas como meio de divulgação e debate de críticas ideológicas, políticas, sociais ou econômicas, apresentando-se como importante fonte documental.

A primeira história em quadrinho, “*The Yellow Kid*”, foi criada pelo artista americano Richard Outcault, em 1895, (Cardoso, 2013). Era uma narrativa das peripécias de uma criança que trajava uma camisa amarela e que vivia nos guetos de Nova York, que falava através de gírias, e expressava ideias sobre a sociedade e questões raciais e urbanas. Essas HQs eram exibidas em jornais sensacionalistas de Nova York, com ações fragmentadas em diálogos apresentados em balões e distribuídos em tirinhas de texto (Oliveira, 2007).

Figura 1 - “*The Yellow Kid*”, 1ª edição: 17 de fevereiro 1895, New York World, EUA



O surgimento das histórias em quadrinhos como uma forma de entretenimento de massa teve lugar nos Estados Unidos, no final do século XIX. Inicialmente, os quadrinhos ganharam destaque nas páginas dos jornais dominicais norte-americanos, apresentando elementos humorísticos, desenhos caricatos e satirizados, com temáticas direcionadas à população imigrante (Matos, 2022, p. 34). Ainda nesse mesmo contexto Vilela aponta que:

Vários fatores explicam a boa aceitação que as HQs receberam por parte desse público. Um deles era o fato de que as tramas das primeiras HQs eram simples, envolvendo situações de fácil entendimento que favoreciam a empatia do público com as personagens as tornava compreensíveis por vários segmentos de público, inclusive os imigrantes. A presença dos desenhos e de todos os elementos visuais neles contidos também ajudava a facilitar a compreensão do conteúdo das HQs. (Vilela, 2012, p. 74.)

Os quadrinhos se tornaram um grande fenômeno, marcando e influenciando gerações que cresceram lendo histórias em quadrinhos quando a tecnologia digital ainda não fazia parte da vida humana, ocupando, assim, um lugar importante na cultura popular. Lucchetti (2001), destaca a importância da publicação *The Yellow Kid and His New Phonograph* para o desenvolvimento da história em quadrinhos, pois possibilitou a forma como conhecemos os quadrinhos hoje em dia, uma arte que narra histórias com palavras escritas ou não por meio de imagens organizadas em sequências.

Como resultado, muito progresso foi feito em termos de narrativa e aspectos técnicos, levando à criação de histórias em quadrinhos. Segundo Barroso; Zamperatti (2020), desde então, graças a grandes editoras e muito dinheiro, as HQ ou gibis ganharam muito espaço midiático, conquistaram o coração de milhões de pessoas e ainda hoje são utilizadas e

valorizadas, dando início às Eras dos quadrinhos.

A Era dos Quadrinhos refere-se a um período específico na história dos quadrinhos em que ocorreram mudanças significativas no meio, tanto em termos de conteúdo quanto de formato. A era dos quadrinhos é frequentemente dividida em várias fases ou períodos, cada um com suas próprias características distintas.

Dando início a Era de Ouro dos quadrinhos, entre 1938 e 1955 aumenta a produção de super-heróis. Havia o destaque para a produção dos super-heróis patriotas. Inicia-se a produção dos quadrinhos policiais e de suspense (Silva, 2019). No ano de 1938³ foi criado o primeiro super-herói do mundo. A DC Comics⁴ apresenta o Superman para o público. Esse personagem ainda não tinha a forma e as feições que tem hoje, mas passou a ser visto como símbolo do bem, além de símbolo dos valores norte-americanos, pois representa um homem “super” com duas faces: o personagem Superman e o jornalista Clark Kent. Eles eram altamente considerados pela sociedade. Simões e Nolasco (2004), ressaltam que:

Os quadrinhos foram ganhando cada vez mais popularidade, com a ampla distribuição e recepção de HQs, mais especificamente, pelos norte-americanos, podemos discernir uma variedade de histórias e super-heróis que foram “recrutados” para homenagear e motivar as tropas patrocinadas pelo Estado e seus aliados durante a Segunda Guerra Mundial. (Simões; Nolasco, 2004).

Ainda neste contexto, Simões e Nolasco (2004) trazem como exemplo o Capitão América. “O Capitão América”, de Jack Kirby⁵ e Joe Simon⁶, foi criado para ser o ícone do período de guerra. Em sua primeira edição o herói aparece lutando contra o próprio Hitler.

³ Neste período surge a Timely Comics, uma das mais famosas editoras de HQs, criada em 1939 (Guerra, 2016)

⁴ A DC Comics é uma renomada editora de quadrinhos e mídia relacionada, conhecida por criar e publicar histórias icônicas de super-heróis. Fundada em 1934 como National Allied Publications, a empresa passou a se chamar DC Comics na década de 1970.

⁵ Nasceu em Nova York, em 28 de agosto de 1917, e faleceu em 6 de fevereiro de 1994. Seu nome verdadeiro era Jacob Kurtzberg. Jack Kirby foi uma das personalidades das HQs mais talentosas, inovadoras e também polêmicas durante sua carreira nas mais importantes editoras dos EUA. Em 1940, com o roteirista e editor Joe Simon, criou o Capitão América para a Timely Comics (que décadas mais tarde mudaria o nome para Marvel).

⁶ Joe Simon nasceu em Rochester, Nova York, em 1913, e trabalhou como artista, escritor e editor na área de quadrinhos. Simon criou muitos personagens notáveis durante a Era de Ouro dos Quadrinhos, entre 1930 e 1940, enquanto trabalhava como editor na Timely Comics, a empresa que deu origem à Marvel. Simon criou o Capitão América, um dos personagens mais duradouros dos quadrinhos, em colaboração com o ilustrador Jack Kirby.

Figura 2 - Capitão América Vol. 1 – #1 a 5 (Captain America Comics Vol. 1) - EUA, março a agosto de 1941



Dentro das HQs, o gênero se destaca em todos os seus aspectos, caracterizando esses seres como serenos, símbolos de virtude e honestidade; sem defeitos. A partir daí cresce o universo gigantesco de seres com superpoderes como por exemplo: Batman, Mulher Maravilha, Namor, Tocha Humana e Capitão Marvel. Krakhecke, afirma que os super-heróis são reconhecidos inclusive por aqueles que não leem HQs (Krakhecke, 2009).

Segundo Guerra, (2016), apesar da fama da HQs, em 1945, com o fim da segunda guerra mundial, o público jovem não se identificava mais com aqueles super-heróis das histórias em quadrinhos, fazendo com que muitos jovens parassem de ler essas histórias. Os quadrinhos que sobraram começaram a abordar outras narrativas, como histórias de terror, histórias de crimes e até mesmos romances.

Em meados dos anos cinquenta, a Era de Prata dos quadrinhos começou. Essa denominação acompanha o início da repaginação do velho herói, dando mais sua profundidade psicológica, humanizando-os, aproximando as HQs e seus ídolos da realidade que os leitores vivenciavam. Silva também destaca que:

Era de Prata dos Quadrinhos (1956-69): A queda nas vendas de HQs é expressiva, o que força as empresas de quadrinhos a reinventarem seus personagens como Superman e Capitão América, e a criarem novas propostas como o Quarteto Fantástico, da Marvel Comics, que viabilizou financeiramente a empresa a enfrentar a crise deste período. (Silva, 2019)

No entanto, em 1954, foi criado o *Comic Code Authority*, um órgão que censurava as HQs que não eram politicamente corretas. Decorrente desse contexto a qualidade das histórias em quadrinhos caiu, fazendo com que as vendas despencassem e levando muitas editoras à falência. Os escritores foram incentivados a repaginar os seus personagens. Essa repaginação dos maiores heróis deu uma nova força para que seus criadores fizessem melhores histórias mesmo com *Comic Code* ainda censurando algumas HQs.

Além da repaginação dos super-heróis, a nova fase das histórias em quadrinhos também trouxe uma nova junção entre os heróis, dando origem assim a famosa Liga da Justiça. Na mesma época Timely Comics passou por uma reestruturação e passou a se chamar Marvel Comics. Com essa reformulação também vieram novos personagens como o Quarteto Fantástico, Homem-Aranha, Hulk, X-Men, Vingadores e muitos outros super-heróis.

Com o tempo as HQs foram ganhando cada vez mais força, decorrente da indústria cinematográfica que trouxe os heróis da revistinha para a tela dos cinemas. Neste intuito, vários personagens das HQs que eram poucos conhecidos ou nem eram de conhecimento do público jovem de hoje em dia ganharam visibilidade. Neste mesmo cenário Silva, explica que:

Era de Bronze dos Quadrinhos (1970-79): Inicia-se com a introdução de assuntos da atualidade nas histórias em quadrinhos. A produção queria dialogar com as tendências de sua época. Podemos destacar a concorrência diretas das histórias em quadrinhos com o cinema e a TV, e um exemplo dessa influência é a criação do super-herói Luke Cage e o gênero cinematográfico denominado de blaxploitation (black:” negro” e exploitation: “exploração”) como veremos na descrição deste personagem. (Silva, 2019).

Nos anos 80, as grandes editoras se consolidaram como uma forma importante de negócios e, além disso, surgiam muitos quadrinhos independentes nas bancas e lojas especializadas. Esse fato deu início a chamada Era Moderna dos Quadrinhos, com a Marvel com sua linha editorial tradicional e a DC com seus personagens mais famosos.

Já nos anos 90, é considerado umas das piores eras dos quadrinhos pelos leitores, talvez isso seja fruto de uma desconstrução que começou nos anos 80. Nesse período, os autores buscaram desconstruir o estereótipo de super-herói e questionar o *american-way*, levando inevitavelmente a histórias mais adultas, com violências, sexo e palavrões. No entanto, parece que esses quadrinistas dos anos 90 entenderam esse movimento muito literalmente. Apenas como uma estética a ser copiada e explorada, surgindo assim os anti-heróis, personagens cada vez mais violentos e desenhos absurdos.

Nos anos 2000, os editores criaram versões mais jovens dos personagens. Por exemplo, a Marvel trouxe para o público novas versões dos X-Men e do Homem-Aranha personagens. Os quadrinhos tiveram uma baixa no mercado. Porém a novidade dos anos 2000 foram as versões dos heróis nas grandes telas do cinema (Assis,2020). Portanto, essa ação da indústria cinematográfica, que trouxe os heróis das revistinhas para as grandes telas do cinema, fez com que as HQs ganhassem cada vez mais força nas duas últimas décadas. Neste intuito, vários personagens dos quadrinhos que eram poucos conhecidos ou nem eram do conhecimento do público, ganharam visibilidade.

Pode-se buscar nas HQs as mais diversas fontes, sendo elas de cunho histórico, cultural, político ou até mesmo científico e tecnológico. Neste contexto, o uso da HQs como fonte de estudo, torna-se um laboratório da representação do mundo social, que pode traduzir as posições e interesses que paralelamente descrevem a sociedade tal qual como ela é pensada ou como gostariam que fosse.

As histórias em quadrinhos estão incorporadas à sociedade contemporânea e por elas circulam saberes e concepções acerca do mundo, do homem, da História. Mas de qual História estaríamos falando? De uma História rememorada, contada, produzida socialmente e que possui diferentes versões a partir do conhecimento histórico elaborado pelos grupos sociais. (Bonifácio, 2005)

Diante do que foi apresentado até aqui ficam algumas questões. Como vem sendo abordada a questão da representatividade nas histórias em quadrinhos? Será que existem, ao longo do tempo, personagens negros? Como eles são retratados? Qual a necessidade de representatividade nos quadrinhos, será que eles são bem-aceitos pelos leitores? Esta forma de composição literária permite promover a identidade e a familiaridade entre os personagens e seus leitores?

3 CAPÍTULO II – REPRESENTATIVIDADE

No segundo capítulo busquei abordar a temática da representação negra e sua importância na construção da identidade e cultura dessa comunidade. São mencionadas as ideias de diversos estudiosos, como Silva e Jodelet, sobre as representações sociais e sua relação com a formação dos indivíduos que compõem um determinado grupo. Destaco a necessidade de compreender o significado e o impacto dessa temática, assim como os determinantes de sua mudança e transformação. O texto também menciona a importância da representatividade como forma de conexão com um grupo social e a busca por um olhar de igualdade na sociedade. É contextualizado que ao longo da história a representação do negro nos quadrinhos foi marcada por estereótipos e subalternidade, refletindo a cultura racista da época. A fim de discutir a representatividade de um grupo social em qualquer contexto, é essencial compreender as raízes e a trajetória desse grupo.

A representatividade de um grupo social em qualquer cenário é um assunto de importância crucial nos dias atuais. Para que possamos abordar essa temática de maneira significativa e construtiva, é imperativo que tenhamos um entendimento profundo das origens e da trajetória desse grupo em questão.

Compreender as raízes de um grupo social é mergulhar nos alicerces que sustentam sua identidade coletiva. É necessário investigar as histórias, experiências e desafios enfrentados ao longo do tempo, bem como as lutas e conquistas que moldaram sua existência. Essa exploração nos permite apreciar a diversidade de perspectivas, os valores fundamentais e os aspectos culturais que caracterizam o grupo em discussão.

Ao abordarmos a representatividade de um grupo social, esse conhecimento histórico e contextual nos auxilia a enxergar além das estatísticas e números. Ele nos permite compreender as nuances, as experiências individuais e coletivas, as disparidades e as necessidades específicas desse grupo. É somente por meio desse entendimento profundo que podemos almejar uma representatividade autêntica e inclusiva em todos os espaços.

Portanto, ao discutir a representatividade de um grupo social, devemos ir além do superficial e buscar uma compreensão embasada nas origens e na trajetória desse grupo. Somente assim seremos capazes de promover uma sociedade mais igualitária, diversa e justa, onde todas as vozes tenham a oportunidade de serem ouvidas e valorizadas. É essencial reconhecer que, embora os termos representatividade e representações sociais sejam semelhantes, eles diferem em seus conceitos. Para tanto, precisamos compreender os conceitos de representatividade e representações.

A representatividade refere-se à qualidade de algo ou alguém que atua ou fala em nome de um grupo ou comunidade. Está relacionada à capacidade de representação legítima de interesses, perspectivas e diversidade de um determinado grupo social. A representatividade envolve a presença e participação adequada de indivíduos ou grupos em posições de poder, influência e tomada de decisões.

De acordo com o dicionário brasileiro, o conceito de representatividade é definido como a "qualidade de alguém, de um partido, de um grupo ou de um sindicato, que tem como base o respaldo da população e permite que eles se expressem verdadeiramente em seu nome" (Dicio, 2021).

A representatividade é utilizada como meio de conexão com um grupo social, as metas se baseiam em garantir que os interesses sejam compreendidos e o maior plano é que a sociedade tenha um olhar diferente, de igualdade. Almeida, (2019) explicita que a representatividade está associada à possibilidade de representar, através de decisões, os ideais

de uma classe ou grupo social.

Ao alcançarmos o conceito de representatividade, podemos entender as representações sociais como a totalidade de significados atribuídos por um grupo social específico a determinado elemento. Esses significados não são simplesmente implantados de forma aleatória, mas sim passam por um processo de construção que ocorre socialmente, sendo produzidos e elaborados coletivamente.

Portanto, as representações sociais referem-se aos significados atribuídos coletivamente a um determinado objeto, ideia, grupo social ou fenômeno. Elas são construídas socialmente e podem variar de acordo com o contexto cultural, histórico e social. As representações sociais envolvem as percepções, crenças, valores e estereótipos compartilhados por um grupo social em relação a algo específico.

Silva (2011, p. 26) ressalta que compreender o conceito de representação social, sua função no nível social e sua história, e o “porquê” de seu surgimento, é importante para explicar a mudança na representação social. Isso significa que a representação não é apenas a organização de um grupo que busca representar e garantir seus interesses, mas, antes de tudo, parte da formação dos indivíduos que compõem esse grupo.

Segundo a teoria de Moscovici, as representações são produtos de processos coletivos de elaboração, difusão e mudança dos conhecimentos compartilhados no cotidiano das pessoas. Assim, elas surgem e são modificadas no contexto das interlocuções, e sua consolidação envolve o discurso circulante nas comunidades (apud Cunha *et al.*, 2011, p. 1106).

Nesse sentido, tais representações têm um impacto significativo nos indivíduos dentro da sociedade, uma vez que desempenham um papel crucial na formação de atitudes e na indicação de sentimentos em relação a certas ideias ou grupos sociais.

Jodelet (2001), em seu texto *Representações Sociais: um domínio em expansão*, contextualiza que as representações sociais são abordadas concomitantemente como produto e processos de uma atividade de apropriação da realidade exterior ao pensamento e de elaboração psicológica e social dessa realidade.

Em suma, enquanto a representatividade diz respeito à inclusão e voz de diferentes grupos sociais em posições de poder, a representação social diz respeito aos significados compartilhados e atribuídos coletivamente por um grupo a determinados elementos da realidade.

Diante dessa contextualização é de extrema importância abordarmos os conceitos de representatividade e representação social no contexto das histórias em quadrinhos. As

histórias em quadrinhos têm um poderoso impacto na cultura e na sociedade, sendo uma forma de expressão artística. Nesse meio, a representatividade desempenha um papel fundamental na construção de personagens e histórias que reflitam a diversidade e a pluralidade presentes em nossa sociedade.

A representatividade nas histórias em quadrinhos envolve a inclusão de personagens de diferentes origens étnicas, culturais, de gênero, orientações sexuais e habilidades físicas ou cognitivas. Ao representar uma ampla gama de personagens, as histórias em quadrinhos oferecem a oportunidade de que os leitores se identifiquem e se sintam representados na mídia que consomem.

Além disso, a representação social nas histórias em quadrinhos abrange as diferentes maneiras pelas quais certos grupos ou temas são retratados e interpretados. As representações sociais presentes nas histórias em quadrinhos podem refletir estereótipos e preconceitos enraizados na sociedade, ou podem desafiar essas concepções estabelecidas, promovendo uma visão mais inclusiva e igualitária.

Quando as histórias em quadrinhos abordam questões de representatividade e representação social de forma positiva e reflexiva, elas se tornam uma poderosa ferramenta para a promoção da igualdade, do respeito e da valorização da diversidade. Ao apresentar personagens e histórias que representam uma ampla gama de experiências e perspectivas, as histórias em quadrinhos podem ajudar a desconstruir estereótipos, criar empatia e gerar diálogos significativos.

No entanto, é importante ressaltar que a representatividade e a representação social nas histórias em quadrinhos são temas em constante evolução. É necessário um esforço contínuo para garantir que as vozes e experiências de grupos marginalizados sejam devidamente representadas e que estereótipos prejudiciais sejam desafiados.

Portanto, ao abordarmos a representatividade e a representação social nas histórias em quadrinhos, estamos reconhecendo a importância de criar narrativas inclusivas e respeitadas, que reflitam a diversidade do nosso mundo. Barroso; Zamperatti (2020) colocam em contexto que:

Aventuras de homens e mulheres no dia-a-dia, talvez com poderes ou não, tendo dilemas de vida real, lidando com questões amorosas, dificuldades financeiras, enfim, problemas reais. Por fim, uma boa humanização de personagens e de uma trama é aquela que incorpora conteúdo emocional à obra; como resultado, o leitor assume o papel do personagem e transforma a realidade ficcional em uma realidade tão real quanto a sua.

A atração que leva as pessoas a lerem as HQs está relacionada ao poder que elas possuem ou que lhes falta, permitindo que projetem ou reflitam sobre "o real". Isso permite que leitores de todas as origens se vejam e se sintam representados, além de promover uma maior conscientização sobre as questões sociais e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Por essa razão, é essencial inserir discussões que revitalizem a linguagem dos quadrinhos e contribuam para mudanças substanciais na forma como pensamos sobre heróis e heroínas. A representatividade nos quadrinhos norte-americanos tem desempenhado um papel significativo na luta pelos Direitos Civis ao longo da história. Durante décadas, os quadrinhos têm refletido e influenciado as questões sociais e políticas da sociedade, abordando temas como igualdade, justiça social e diversidade.

À medida que os quadrinhos foram se tornando cada vez mais populares, especialmente nos Estados Unidos da América, houve uma demanda crescente por maior representatividade racial em relação aos seus personagens. Isso ocorreu porque, historicamente, os quadrinhos eram dominados por personagens brancos e masculinos.

Lopes, (2013.p.01) aborda que durante a época em que os Estados Unidos já eram reconhecidos como um país de grande diversidade étnica, essa variedade cultural não era adequadamente refletida nos quadrinhos. Embora houvesse algumas representações de diferentes grupos étnicos, muitas vezes elas eram retratadas de forma estereotipada e limitada, servindo apenas como pano de fundo para as histórias.

O público que não se sentia representado começou a exigir essa representatividade. À medida que o movimento pelos direitos civis ganhava força nos Estados Unidos, houve uma crescente demanda por maior representatividade nos quadrinhos, refletindo a realidade e as lutas de grupos marginalizados.

Durante um período de transformação em que o país já havia abolido a escravidão há 100 anos, mas ainda enfrentava a segregação racial, grandes ativistas sociais se tornaram foco de interesse da população. Um exemplo notável foi Martin Luther King que organizou uma marcha em Washington a favor dos Direitos Civis dos negros, em meio a uma série de movimentos revolucionários que ocorriam no país, foi um defensor fervoroso da "revolução pacífica".

Mesmo enfrentando ameaças de morte e o atentado à bomba em sua própria casa, Luther King nunca retaliou nenhum ato de agressão durante sua vida. Por meio de suas ideias pacifistas, ele conseguiu mobilizar multidões e se tornou um dos principais líderes do

movimento pacifista do século XX. (Weschenfelder, 2013). Além de Luther King, outra figura notável no movimentos dos direitos civis dos negros foi Malcolm X.

Malcolm X era amplamente reconhecido como uma figura histórica de extrema importância e influência nos movimentos dos Direitos Civis dos negros norte-americanos. Diferentemente de Martin Luther King, adotou um discurso que enfatizava a necessidade de resposta diante da opressão exercida pelos brancos. Ele defendia que os negros deveriam reagir à opressão de forma mais assertiva, inclusive utilizando a autodefesa como meio de proteção e empoderamento. Sua abordagem mais radical e confrontadora em contraste com a abordagem pacifista de outros líderes do movimento tornou-o uma figura polêmica e controversa, mas não se pode negar o impacto significativo que teve na conscientização e na mobilização da comunidade negra em busca da igualdade de direitos (Weschenfelder, 2013).

À medida que a luta pelos direitos civis ganhava força, grupos que lutavam para garantir esse direito dos negros surgiram. A exemplo temos os Black Power e os Panteras Negras; os afro-americanos intensificaram sua luta por igualdade racial. Esses grupos se tornaram verdadeiros defensores da sociedade negra nos Estados Unidos, agindo como forças de resgate e proteção. (Weschenfelder, 2013)

O movimento Black Power surgiu como uma resposta à contínua opressão e injustiça racial enfrentada pelos afro-americanos. Ele pregava a valorização da identidade e cultura negra, promovendo a autoafirmação e a autonomia da comunidade afrodescendente. O movimento dos Panteras Negras, por sua vez, destacou-se por sua militância e sua abordagem mais radical, enfatizando a autodefesa e a organização comunitária como meios de enfrentar a opressão sistêmica.

Esses movimentos tornaram-se uma espécie de "exércitos de salvação" para a sociedade negra norte-americana, oferecendo resistência e mobilização contra a discriminação racial e a violência policial. Eles forneceram uma plataforma para que os afro-americanos expressassem suas demandas por igualdade, justiça e empoderamento.

Embora tenham sido criticados e enfrentado desafios, esses movimentos foram vitais para a conscientização e o avanço dos Direitos Civis dos afro-americanos nos Estados Unidos. Eles influenciaram significativamente a narrativa e a luta por igualdade racial, deixando um legado duradouro na história dos movimentos sociais.

Após a aprovação do Ato dos Direitos Civis, o país teve que lidar com mudanças sociais e, conseqüentemente, mudanças na mídia. Isso incluiu a pressão para a inserção de personagens negros nas histórias em quadrinhos. A indústria foi forçada a reconhecer a

importância da representatividade e começou a introduzir personagens negros de forma mais significativa nas narrativas.

Essa mudança na representação de personagens negros nos quadrinhos foi um reflexo das demandas da sociedade por igualdade e justiça. À medida que a luta pelos Direitos Civis ganhava força, os quadrinhos buscaram refletir essas mudanças e representar de maneira mais autêntica e inclusiva a diversidade racial.

Por muito tempo, a representatividade foi negada e, frequentemente, marcada por estereótipos. No imaginário popular, a representação da figura do negro e de seus aspectos culturais esteve ligada à subalternidade ou ao simples mecanismo de força física do trabalho escravizado durante os tempos coloniais.

A representatividade se torna essencial, pois, uma vez que grupos são oprimidos nesta sub-representação, enxergam os produtos da mídia de modo diferente do olhar privilegiado, representando uma visão crítica da cultura na sociedade (Kellner, 2001).

Diante do que foi apresentado até aqui, discutirei no subcapítulo a importância do herói negro, a partir do tema da identidade e da cultura, baseando-se nas histórias em quadrinhos. Nos dias atuais vemos muitos personagens que representam a figura do negro, seja ela na TV, filmes, séries e até mesmo nas histórias em quadrinhos, mas nem sempre foi assim.

3.1 REPRESENTATIVIDADE NEGRA NAS HQs.

A representatividade pode ser vista como uma forma de conexão com um grupo social e a busca por um olhar de igualdade na sociedade. Ao longo da história a representação de pessoas negras nos quadrinhos foi marcada por estereótipos e subalternidade, refletindo a cultura racista da época. A fim de discutir a representatividade de um grupo social em qualquer contexto, é essencial compreender as raízes e a trajetória desse grupo.

O surgimento dos heróis e super-heróis nos quadrinhos está intrinsecamente ligado a contextos históricos e sociais específicos, como a crise de 1929, a emergência da Segunda Guerra Mundial e o papel dos Estados Unidos da América nesses eventos. Nesse cenário, o mundo dos super-heróis adquiriu uma função propagandística, promovendo valores hegemônicos na sociedade (Viana, 2005, p. 8).

Durante a Grande Depressão da década de 1930, os quadrinhos ganharam popularidade como uma forma de entretenimento acessível para as massas. No entanto, foi na Segunda Guerra Mundial que os super-heróis assumiram um papel político mais evidente. Eles se tornaram ícones da resistência, representando o ideal americano de coragem, patriotismo e

justiça. Os super-heróis foram utilizados como uma forma de mobilizar e unir a população, transmitindo mensagens de apoio aos esforços de guerra e reforçando a identidade nacional (Lopes, 2013, p.55)

Essa dimensão política das histórias em quadrinhos era evidente nas narrativas, em que os super-heróis lutavam contra ameaças que simbolizavam tanto perigos externos quanto internos enfrentados pelos Estados Unidos. Eles se tornaram símbolos de esperança e inspiração para o público, reforçando os valores e ideais predominantes na sociedade.

No entanto, é importante reconhecer que ao mesmo tempo em que os super-heróis representavam a força e o heroísmo americano, suas representações também eram influenciadas por preconceitos e estereótipos da época. A diversidade e a representação autêntica eram limitadas, refletindo as desigualdades e o racismo presentes na sociedade.

Diante desse contexto, a representação do negro nos quadrinhos é historicamente compreendida pela existência de personagens cômicos, vilões, com baixa inteligência e de pouca visibilidade. Os quadrinhos, em grande parte, refletiam as percepções e preconceitos predominantes da sociedade na época. Personagens judeus e europeus muitas vezes ocupavam posições de destaque e eram mais bem representados em comparação aos personagens negros (Lopes, 2013.p.01).

Nos quadrinhos, personagens heroicos como Fantasma, Jim da Selva, Mandrake, Kaser e Tarzan frequentemente apresentavam personagens negros em papéis secundários. Eles eram retratados como coadjuvantes nas aventuras desses quadrinhos, desempenhando papéis de vilões, ajudantes ou vítimas dos maquiavélicos vilões da história. Essa representação reforçava a dinâmica de dependência, na qual o personagem negro constantemente precisava ser salvo pelo herói branco, perpetuando assim a ideia de superioridade branca e inferioridade negra (Weschenfelder, 2013).

A representação estereotipada dos negros nos quadrinhos refletia as atitudes racistas e discriminatórias presentes na sociedade. Personagens negros eram frequentemente retratados de forma caricatural, com características físicas exageradas e estereótipos negativos, como a falta de inteligência ou a submissão.

Essa falta de representação adequada e a perpetuação de estereótipos prejudiciais contribuíam para a marginalização e a invisibilidade dos negros nos quadrinhos. As histórias frequentemente se concentravam em narrativas e personagens que se alinhavam com as visões predominantes e reforçavam a hierarquia racial estabelecida.

A exemplo, temos autores como Will Eisner⁷, figura bem importante no mundo dos quadrinhos, Eisner apresenta Ébano Branco, em 1940. Um taxista afro-americanos conhecido por seu modo errôneo de falar. Este é um reflexo da cultura estereotipada e do racismo que persiste desde os tempos antigos até o presente. Ainda segundo, Weschenfelder (2013), o negro tinha a sua imagem retrata dessa forma em todos os seguimentos desta arte. Como podemos ver nas figuras abaixo:

Figura 3 - The SPIRIT # 5 1946; The Spirit #16 1949; The SPIRIT #7 1975



Como foi retratado nos parágrafos acima podemos ver a representação caricata dos personagens negros, bem diferente dos personagens brancos. Esses personagens com essas características foram retratados.

Weschenfelde (2013), cita o herói mágico Mandrake, de Lee Falk de 1934, o personagem principal tem um assistente negro chamado Lothar. Possivelmente, ele será o primeiro personagem a ganhar destaque nas histórias de aventura. Inicialmente, esse personagem era bastante estereotipado, vestido com pele de animal e tinha pouca inteligência, no entanto à sua força física chamava bastante atenção dos leitores da época.

⁷ William Erwin Eisner, foi um renomado quadrinista americano, que durante seus mais de setenta anos de carreira, atuou em diversas áreas que incluem como desenhista, roteirista, arte-finalista, editor, cartunista, empresário e publicitário.

Figura 4 - Mandrake



De fato, a representação inferiorizada e estereotipada do negro nos quadrinhos, assim como em outras formas de mídia, contribuiu para a perpetuação de um sistema discriminatório ao longo de décadas. Ao retratar personagens negros em papéis inferiores e limitados, os quadrinhos reforçaram estereótipos prejudiciais e marginalizaram a comunidade negra. Barroso; Zamperatti (2020) contextualizam que:

Tais pontos só reforçam conceitos racistas, influenciados ainda pelos períodos de escravidão dos negros africanos, onde o homem negro se mostra inferior ao homem branco, restando ao mesmo apenas a capacidade de servir como mão-de-obra, tendo como características a força de seu braço para cumprir seus trabalhos braçais diários e a completa falta de instrução intelectual, enquanto o homem branco possui conhecimento intelectual e formação acadêmica, assim como conhecimento tecnológico. Reforçando a ideia do Homem branco superior

Essas narrativas são criações feitas a partir de um senso comum caracterizado pelo racismo (Oliveira, 2018). Neste sentido, o racismo usou tal estrutura, assim como outras, para firmar e legitimar-se como mecanismo de opressão contra a população negra. A maneira como os personagens negros foram mantidos por anos subjugados e marginalizados na produção midiática de massas, expõe de forma clara o preconceito ainda existente na sociedade contemporânea.

Essas representações negativas não apenas refletiam, mas também alimentavam as atitudes e crenças discriminatórias presentes na sociedade. Estes fatos (discriminação) incomodavam os militantes negros, que começavam a ganhar força no cenário norte-americano. Entre esses ativistas estava Orrin C. Evans, um jornalista e membro da NAACP (Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor), que se tornou um dos primeiros afro-americanos

a se destacar no campo do jornalismo norte-americano, sendo reconhecido como o "patriarca dos jornalistas negros" (Weschenfelder, 2013.p.72).

Neste mesmo contexto (Roz, 2017) nos apresenta que, Evans, era um entusiasta dos quadrinhos, possuía uma coleção impressionante que despertava admiração. Ele uniu sua paixão pelos quadrinhos com sua luta pela igualdade racial e justiça social. Ele compreendeu que, para alcançar a representatividade, era essencial ter personagens negros devidamente desenvolvidos em séries de quadrinhos. Além disso, ele reconheceu que seria um ato de grande valor ter uma revista na qual a maioria dos personagens fossem homens e mulheres negros.

No ano de 1947, Evans reuniu diversos artistas e lançou uma pioneira história em quadrinhos étnica chamada "All Negro Comics". Nas páginas dessa publicação, dois personagens se destacavam: Ace Harlem, um detetive particular que investigava crimes no bairro de Harlem, em Nova York, e Lion Man, um agente da ONU enviado à Costa do Ouro para desvendar o mistério de uma "montanha mágica". Este personagem conta com um ajudante, chamado *Bubba*. O trabalho, porém, ficou só no primeiro número, devido a muitas pressões (WESCHENFELDER, 2013.p.72).

Figura 5 - Cover, All-Negro Comics #1 (1947)



A história de Lion Man foi uma exceção em que homens brancos foram retratados como vilões, invertendo a lógica tradicional dos valores raciais. Apesar de ser uma tentativa de promover a representatividade da identidade negra (Roz, 2017).

Até então, os personagens apresentados retratavam características que transmitiam a ideia de inferioridade em relação aos personagens caucasianos. No entanto, tudo começou a mudar quando a Timely Comics se transformou na Marvel Comics e Stan Lee revolucionou o conceito de super-heróis. A partir da década de 1960, com o movimento pelos Direitos Civis

em pleno andamento, uma nova história começou a ser contada nos quadrinhos (Weschenfelder, 2013.p.74).

A Marvel Comics, sob a liderança de Stan Lee, introduziu uma abordagem inovadora ao desenvolver personagens complexos e diversificados. Ao contrário dos estereótipos tradicionais, os heróis da Marvel eram mais humanizados, com personalidades e histórias de fundo mais profundas. Essa abordagem permitiu que as experiências e lutas dos afrodescendentes fossem refletidas de forma mais autêntica e empática.

Com o movimento pelos Direitos Civis ganhando força, a Marvel Comics aproveitou a oportunidade para abordar questões sociais e raciais de maneira corajosa e progressista. Foi assim que os primeiros super-heróis negros começaram a ser criados e a ter um papel de destaque no universo dos quadrinhos. Em 1966, o primeiro super-herói negro criado se chamou Pantera Negra. T'challa foi retratado, como cientista e rei de Wakanda, um país africano fictício. Criado por Stan Lee e Jack Kirby, o personagem fez a sua primeira aparição na revista *Fantastic Four 52* da editora *Marvel Comics*. (Guerra, 2011).

Figura 6 - *Fantastic Four 52*, Marvel Comics



Personagens como Pantera Negra e Falcão surgiram como heróis negros icônicos, oferecendo uma representação positiva e empoderadora para a comunidade afrodescendente. Essa mudança na narrativa dos quadrinhos foi um reflexo direto das transformações sociais e da luta por igualdade racial que ocorriam na época. A Marvel Comics desempenhou um papel significativo ao desafiar os padrões estabelecidos, abrindo caminho para uma representação mais inclusiva e diversificada nos quadrinhos.

Outros personagens negros também ganharam destaque por exemplo, Luke Cage, Blade e Tempestade, todos esses pertencentes à editora Marvel. Outra editora importante no cenário dos quadrinhos a DC Comics, também trouxe alguns personagens negros nas páginas de suas revistas. O primeiro foi Vykin, em 1971, e logo após vieram Lanterna Verde (John Stewart), Raio Negro, Ciborgue, Aço, Vixen, Super Choque, entre outros (Weschenfelde, 2013).

A partir desse momento, os quadrinhos se tornaram um meio poderoso para a expressão e a reflexão das questões sociais, ajudando a moldar a percepção e a consciência coletiva em relação à igualdade racial e aos direitos civis. A história dos quadrinhos começou a refletir o desejo de uma sociedade mais justa e inclusiva, onde a representatividade negra passou a desempenhar um papel central na construção de narrativas heroicas e inspiradoras.

Esses personagens representam uma quebra de barreiras e trazem à tona a realidade dos negros nos Estados Unidos, oferecendo novas perspectivas e marcando a história do mercado editorial das revistas em quadrinhos.

4 CAPÍTULO III – O PANTERA NEGRA E A NAÇÃO AFRICANA DE WAKANDA

Com o Pantera Negra, a Marvel Comics, reconhecida por sua vanguarda e por abordar temas progressistas, mostrou sua coragem ao apresentar um personagem que desafiava os estereótipos raciais predominantes na indústria dos quadrinhos.

Em 1966, a editora revolucionou o mundo dos quadrinhos ao lançar o Pantera Negra, o primeiro super-herói negro no conceito clássico de super-herói. Criado por Stan Lee e Jack Kirby, o personagem fez sua estreia na revista *Fantastic Four* #52, consolidando-se como um marco histórico nas HQs (Weschenfelde, 2013). O Pantera, trouxe uma abordagem diferenciada em relação aos super-heróis da Era de Ouro, não adotando a violência como forma de reparação e reivindicação.

Um protagonista forte com conhecimento de artes marciais e conhecimento tecnológico, com um país desenvolvido em nível social e tecnológico, com uma linguagem própria e contando uma história diferente da história dos super-heróis afro-americanos (Vaz, 2019).

Embora não tenha sido diretamente influenciado pelo movimento pelos Direitos Civis dos afro-americanos, o personagem carregava características dessa luta. Ele passou a incorporar ideais de combate às desigualdades étnicas ao longo do tempo, refletindo os valores

e conceitos de moral e ética da segunda metade do século XX. Sua evolução, o tornou um vanguardista dentro dos quadrinhos (Lima, 2013).

Muitos afirmam que Stan Lee e Jack Kirby se inspiraram no Partido dos Panteras Negras para criar o personagem do Pantera Negra. No entanto, ao observar as datas de criação, percebe-se que o personagem foi introduzido em julho daquele ano, enquanto o Partido dos Panteras Negras foi fundado somente em outubro (Lima, 2013).

O Pantera Negra, cujo nome real é T'Challa, era o governante da nação fictícia de Wakanda, uma nação africana tecnologicamente avançada e rica em recursos. No entanto, pela primeira vez, um país africano não foi estereotipado, e questões culturais e históricas desse continente foram abordadas. A temática do preconceito racial também foi explorada nas páginas das histórias em quadrinhos do Pantera Negra.

Quando Lee e Kirby criaram o mundo fictício de Wakanda, eles deram a seus leitores novas perspectivas sobre a África. Na época, os quadrinistas propunham uma narrativa sobre a África diferente daquela que dominava o imaginário americano, marcando assim de maneira significativa a história do mercado editorial das revistas em quadrinhos.

A África e Wankanda:

O que há de África nas histórias em quadrinhos? Uma pergunta de imensa abrangência, quase tão grande quanto o continente a que se pretende buscar nesta imensidão. Estamos falando de um mundo complexo, com países, estados, cidades, uma verdadeira miríade de culturas e povos, que o mundo de fora (de fora da África) ainda está aprendendo a lidar. E como esse mundo pouco conhecido (para os de fora) sempre permeou o imaginário do estrangeiro, nada mais significativo que encontrar suas representações interferidas de estereótipos nas histórias em quadrinhos (Lima, 2016).

O Continente Africano foi historicamente subjugado e estereotipado, refletindo em ideologias, como eurocêntricas e coloniais que permearam nossa sociedade ao longo de séculos. Essas ideias continuam presentes em nossos pensamentos e experiências contemporâneas. O eurocentrismo estabeleceu uma visão hegemônica do mundo, com a Europa como centro de poder, conhecimento e progresso, enquanto rechaçava outras culturas, incluindo a africana. Segundo a autora Ama Mazama:

A Europa forjou grande parte de sua identidade moderna à custa dos africanos, particularmente por meio da construção da imagem do europeu como mais civilizado e do africano como seu espelho negativo, isto é, como primitivo, supersticioso, incivilizado, a histórico e assim por diante. (2009. p.112)

Neste sentido, Barbosa (2008, p. 87) explicita sobre “o eurocentrismo pensado

como ideologia e paradigma, cujo cerne é uma estrutura mental de caráter provinciano, fundada na crença da superioridade do modo de vida e do desenvolvimento europeu ocidental”.

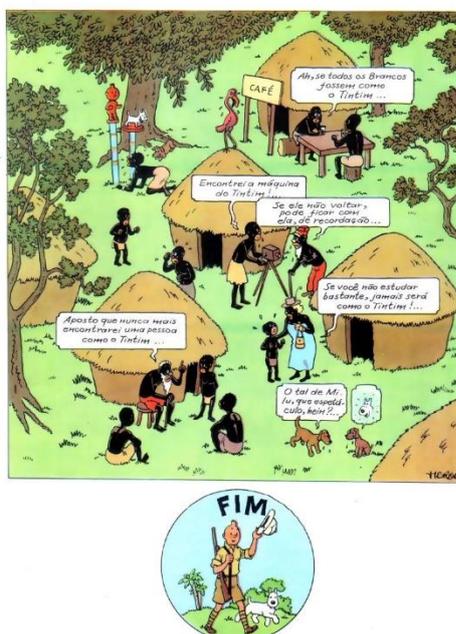
Roz (2016), ao discutir a abordagem da África e do seu povo nos quadrinhos e o colonialismo, ressalta que:

Os quadrinhos são frutos mais diretos, mais próximos, dos discursos e imaginários que se formaram entre os séculos XIX e XX. As visões tidas da África, estigmatizadas pela busca da superioridade europeia, fomentaram a escravidão mercantilista e duas ondas de colonialismo. A ciência acompanhava isso e legitimava essas hierarquias evolutivas. (ROZ, 2016)

O colonialismo e o eurocentrismo influenciaram as histórias em quadrinhos em todo o mundo. Desde muito tempo, a narrativa e representações dos quadrinhos foram moldadas por uma perspectiva eurocêntrica, na qual a história e a cultura europeias eram vistas como padrão e superiores. Como resultado, as culturas não europeias foram marginalizadas e frequentemente estereotipadas, simplificadas ou distorcidas.

Os africanos eram frequentemente retratados como selvagens, primitivos e exóticos, perpetuando a noção de que suas culturas eram inferiores às ocidentais. Eles eram mostrados como pessoas pouco desenvolvidas, com pouca inteligência ou habilidades, e muitas vezes serviam como ajudantes ou figuras secundárias nas histórias, enquanto os personagens brancos eram os heróis principais. A imagem abaixo nós mostra um pouco como era retrato a África e o seu povo.

Figura 7 - Retrato da África e seu povo nas HQs



A África era retratada de forma estereotipada nos quadrinhos, principalmente através dos personagens Tarzan, Fantasma, Mandrake e Tintin. Essas representações limitadas e simplistas apresentavam uma visão distorcida do continente. Em particular, a obra "Tintin na África" retratava o Congo como uma região infantilizada e dependente do paternalismo europeu. Os habitantes locais eram retratados como rudes e incapazes, reforçando estereótipos negativos. Essas representações mostram como as visões sobre a África nos quadrinhos eram reducionistas e distantes da realidade. (Roz, 2016).

Acontece que a África é muito mais que isso, podemos dizer que existem "outras Áfricas" por nós desconhecidas. Conseqüentemente, com o processo da globalização, a história da África e dos africanos que há muito foi negada, começam a ganhar importância no cenário cultural. Os negros sempre tiveram suas próprias histórias, simbolismos e identidades do continente africanos passados pelas gerações. (Silva; Quadrado, 2016).

Portanto, reconhecer e valorizar a pluralidade de culturas, história e identidades da África é fundamental para a construção de uma visão mais abrangente e justa do continente. É necessário descolonizar o conhecimento e promover uma educação que inclua perspectivas africanas, permitindo que as "outras Áfricas" sejam conhecidas e apreciadas em toda a sua complexidade e diversidade (Mudimbe, 2017).

Tendo esse pensamento em vista, Wakanda emerge como um símbolo de resistência e reimaginação, que escapa aos estereótipos e à opressão, e se coloca como protagonista de sua própria história. Wakanda desafia o eurocentrismo e o colonialismo, ao apresentar uma sociedade africana autônoma, rica em cultura, recursos e conhecimento, que se desenvolveu independentemente das influências coloniais.

Wakanda é retratada como uma nação isolada e autossuficiente, escondida do resto do mundo por meio do uso estratégico de avançadas tecnologias de camuflagem. Sua principal fonte de poder tecnológico é o Vibranium, um metal fictício com propriedades extraordinárias encontrado apenas em seu território.

Com essa representação de um país africano, embora seja uma nação fictícia, Wakanda e o Pantera Negra, subverte os estereótipos que frequentemente cercam o Continente Africano. Segundo Cavalcante, (2020), a história de Wakanda, contada em 1966, inaugurou um novo paradigma histórico, além de ficcional, no que diz respeito à coleta de história africana para leitores americanos e, posteriormente, para o resto do mundo.

Ao criarem uma nação mais desenvolvida em relação ao resto do mundo, os roteiristas da revista propunham uma nova concepção temporal da África. Considerando que Wakanda não foi colonizada, ao contrário dos demais países africanos, a nação não teve seus

recursos naturais explorados visando ao lucro europeu.

Não sofreu colonização nem foi subjugada em relação às nações europeias, tampouco participou do processo de escravidão e diáspora. A sua sociedade, também se destaca por sua abordagem holística ao desenvolvimento tecnológico. As mulheres têm um papel fundamental na governança e na proteção do reino, ocupando posições de liderança e demonstrando habilidades notáveis em ciência e combate.

Como resultado, toda vez que os fãs do Pantera Negra lerem ou ouvirem falar de Wakanda, eles terão uma impressão positiva do reino em sua mente. Nesse sentido, uma nova narrativa sobre um país africano seria internalizada pelos leitores de Pantera Negra (Cavalcante, 2020).

É fundamental ter consciência crítica ao analisar e interpretar essas histórias, reconhecendo seus problemas e buscando uma representação mais autêntica e respeitosa da África nas narrativas em quadrinhos. Não entanto, é imperativo reconhecer os problemas contados nas representações do passado e lutar por uma abordagem mais equitativa e inclusiva nos dias de hoje.

Felizmente, ao longo dos tempos, tem aumentado o reconhecimento da diversidade e uma necessidade de representações mais autênticas com personagens africanos complexos e histórias que exploram uma riqueza cultural da África. A arte dos quadrinhos contemporâneos procura ser mais inclusiva.

4.1 ANÁLISES DAS HQS PANTERA NEGRA-UMA NAÇÃO SOB NOSSOS PÉS

O presente estudo deste capítulo se originou a partir da análise do quadrinhos “Pantera Negra-Uma Nação Sob Nossos Pés”, com o objetivo de apresentar pontos que legitimam a identidade, representatividade e representação do negro nas histórias em quadrinhos do Pantera Negra, escrita pelo autor Ta-Nehisi Coates.

O Rei de Wakanda T'Challa percebe quando a nação sobre a qual ele reina têm problemas internos que precisam resolver. Entre o dever para com o seu povo e a necessidade de manter sua própria família a salvo, T'Challa se vê líder de um império esfarelando sob seus pés.

Pantera Negra: Uma nação sob nossos pés" é uma série de revista em quadrinhos da Marvel Comics, que aborda uma ampla gama de temas relevantes e complexos. Escrita por Ta-Nehisi Coates, a série foi lançada em 2016 e teve uma duração de 12 edições. As revista

mergulha em questões políticas, sociais e culturais profundas, proporcionando uma reflexão sobre o mundo em que vivemos.

Figura 8 - HQs Pantera Negra



Os quadrinhos escrito por Coetes, vão além de uma história de super-heróis convencional. Com sua abordagem cuidadosa e poderosa, a série legitima a identidade, representatividade e representação do negro nas HQs, abordando temas fundamentais e promovendo uma mudança significativa no cenário da cultura pop.

Na história temos T'Challa, como o protagonista principal, oferecendo uma figura positiva de representação para os leitores negros. É uma oportunidade rara de ver um super-herói negro ocupando uma posição central, destacando a importância da diversidade e inclusão na mídia.

Além disso, a série apresenta Wakanda, uma nação africana fictícia, como uma sociedade avançada tecnologicamente, poderosa e politicamente independente. Essa representação oferece uma visão empoderadora da cultura africana, reforçando o orgulho e a autoestima dos leitores negros e desafia estereótipos negativos e a respeito da figura do negro e Continente Africano.

Nos mesmo contexto a narrativa abraça a herança africana, celebrando a riqueza da cultura africana por meio de rituais, tradições e trajes inspirados na África. Isso reforça a importância de demonstrar a própria identidade e fortalece a mensagem de que a diversidade cultural é algo a ser valorizada e respeitada.

A questão racial também é abordada na série. A história confronta a discriminação, a desigualdade e o racismo, oferecendo uma perspectiva sensível e realista sobre a experiência negra. Ao explorar esses temas, o autor Ta-Nehisi Coates, não apenas educa e conscientiza, mas também inspira os leitores a se engajarem na luta contra o racismo.

As HQs apresenta uma gama diversificada de personagens negros, cada um com características, experiências e perspectivas únicas, além do seu protagonista. Essa representação multifacetada evita estereótipos simplistas e enriquece a narrativa, mostrando a pluralidade da experiência negra.

Pantera Negra: Uma Nação Sob Nossos Pés é uma contribuição significativa para a legitimação da identidade, representatividade e representação do negro nas HQs. Por meio de sua narrativa envolvente, ela desafia narrativas preconceituosas e oferece uma visão poderosa de empoderamento e inclusão. A série prova que a representação autêntica e diversificada é fundamental para criar uma cultura pop mais inclusiva, inspirando uma nova geração de leitores a se orgulharem de suas raízes e a se tornarem agentes de mudança em suas próprias vidas e comunidades.

Uma nação sob nossos pés mergulha na complexidade da política e da liderança. T'Challa deve enfrentar não apenas a revolta interna, mas também tomar decisões difíceis para governar Wakanda com justiça e integridade. A série destaca a responsabilidade e o peso do poder, mostrando as consequências de cada escolha que ele faz em nome de seu povo.

No caso de T'Challa, seu principal desafio é governar o reino de Wakanda com justiça e sabedoria como fizeram seus antecessores. Assim como guardião legal do manto do Pantera Negra, que tem o seu poder ligado à ancestralidade, a próprio pessoal de T'Challa e a de seus antepassados. Como descendentes de africanos, a população negra.

Figura 9 - HQs Pantera Negra



A revolta liderada por "O Povo" também levanta questões de desigualdade social e luta de classes. A série aborda a tensão entre as classes sociais em Wakanda e questiona se T'Challa está realmente atendendo às necessidades e preocupações de todos os seus súditos. Isso traz à tona a importância de ouvir as vozes dos marginalizados e buscar soluções inclusivas para construir uma sociedade mais justa.

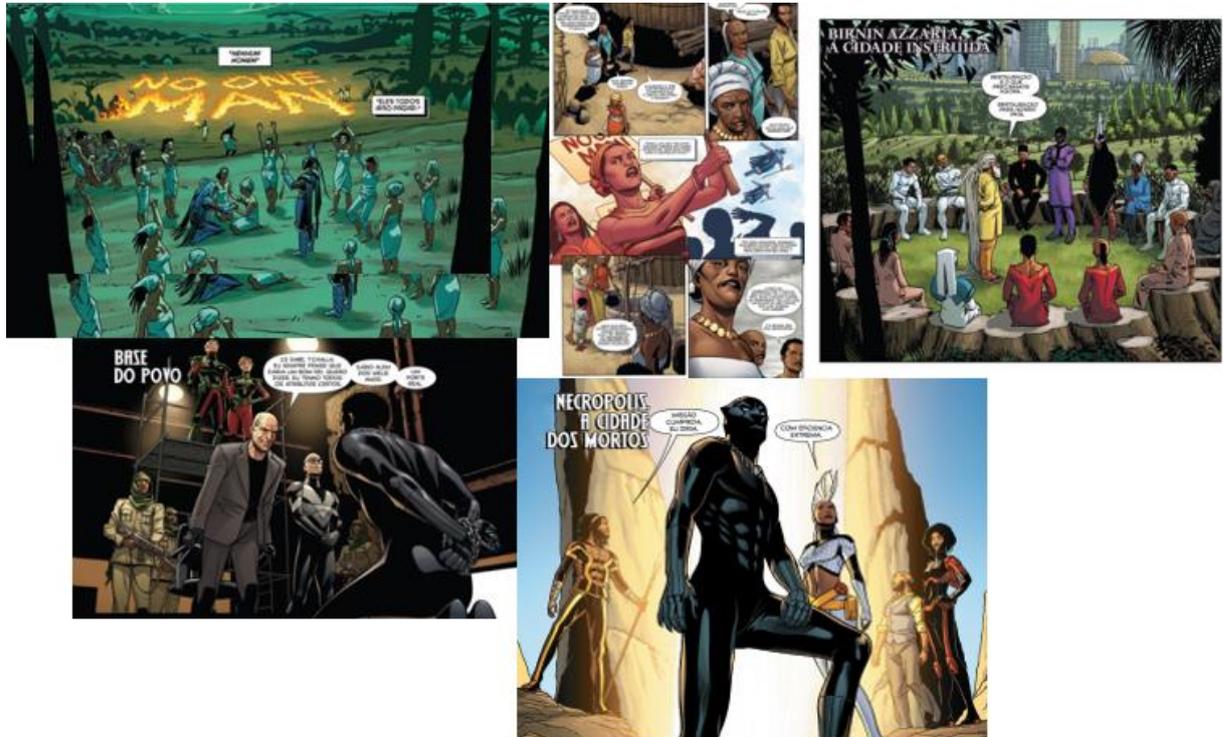
A HQ abraça os princípios do afrofuturismo ao apresentar Wakanda como uma nação tecnologicamente avançada e culturalmente rica. Wakanda é retratada como uma sociedade autônoma, livre da influência e opressão do mundo ocidental. Ela destaca uma visão positiva e empoderadora da África, contrastando com a narrativa predominante de um continente atrasado e subdesenvolvido.

Figura 10 - HQs Pantera Negra



Além dos temas mencionados, a história aborda assuntos como colonialismo, feminismo, justiça social, direitos humanos, relações internacionais, diplomacia, responsabilidade ambiental e ciclos de violência. Esses temas adicionam camadas de complexidade à narrativa e estimulam uma análise mais profunda dos desafios que enfrentamos no mundo real.

Figura 13 - HQs Pantera Negra



Pantera Negra: Uma Nação Sob Nossos Pés contribui significativamente para a legitimação da identidade, representatividade e do negro nas HQs.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Será que existem personagens negros? Como eles são retratados? Qual a necessidade de representatividade negra nos quadrinhos? Será que eles são bem-aceitos pelos leitores? Esta forma de composição literária permite promover a identidade e a familiaridade entre os personagens e seus leitores?

Ao explorar essas questões busquei fornecer respostas para as inquietações relacionadas à representatividade negra nas histórias em quadrinhos.

A pesquisa revelou uma complexidade de questões. De fato, percebi a importância da presença de personagens negros nos quadrinhos. Saber que esses personagens negros têm conquistado espaço nesse universo, rompendo barreiras e se tornando ícones inspiradores, de certa forma se torna gratificante para minha pessoa enquanto pesquisador e autor dessa pesquisa.

No entanto, vale ressaltar que essa representação nem sempre foram adequadas, por muitas décadas a figura dos personagens negros foram estereotipadas. Diante deste fato para que seja garantida uma inclusão verdadeira e sem estereótipos, foi e ainda é necessário a criação de personagens complexos e autênticos, capazes de transmitir experiências diversas, para promover uma maior conexão com os leitores e uma representatividade que reflita a realidade multicultural em que vivemos. Esse aspecto é essencial para criar um ambiente de acolhimento e pertencimento, além de estimular a ampliação de perspectivas e o combate a preconceitos.

As HQs têm o poder de promover a identidade, a empatia e a familiaridade entre os personagens e seus leitores, é crucial que as histórias em quadrinhos continuem a evoluir e abraçar a inclusão. Os quadrinhos têm o poder de ser uma ferramenta de transformação cultural, capaz de desafiar estereótipos, derrubar barreiras e promover um ambiente mais justo e representativo para todos.

Assim como na literatura, historicamente houve uma sub-representação e marginalização das vozes negras nesse meio. No entanto, tem havido um movimento crescente de artistas e roteiristas negros e negras que estão conquistando espaço e contribuindo para a diversificação e enriquecimento da arte dos quadrinhos. Embora esse tema não tenha sido o objeto de estudo em questão, vale ressaltar que a presença de escritores e escritoras negros e negras, é fundamental para que os personagens e os leitores seja representados.

Os artistas e roteiristas mencionados são exemplos importantes desse movimento: Ta-Nehisi Coates: Conhecido por seu trabalho em "Black Panther" (Pantera Negra) da Marvel Comics, Coates trouxe uma abordagem política e socialmente consciente para a história do herói. Dwayne McDuffie: Foi um escritor e produtor prolífico na indústria de quadrinhos, co-criador do Milestone Media e co-fundador do evento "Diversidade nas HQs" (Diversity in Comics). Denys Cowan: É um artista e co-fundador do Milestone Media, onde contribuiu para a criação de personagens icônicos como Static Shock (Raio Negro). Olivier Coipel: Um ilustrador francês conhecido por seu trabalho em várias séries da Marvel Comics, incluindo "Thor" e "House of M". Reginald Hudlin: Roteirista e diretor, Hudlin trouxe sua visão para o universo do Pantera Negra em uma aclamada série nos quadrinhos e também foi produtor do filme "Pantera Negra". Christopher Priest: Escritor conhecido por sua passagem influente na

série "Pantera Negra" da Marvel Comics, trazendo abordagens complexas e narrativas inovadoras. Marguerite About: Autora da série de quadrinhos "Aya de Yopougon", que retrata a vida na Costa do Marfim, oferecendo uma perspectiva autêntica da vida africana. Roxane Gay: Uma aclamada escritora que co-escreveu a série "World of Wakanda" da Marvel Comics, explorando personagens relacionados ao universo do Pantera Negra.

Além desses nomes, é ótimo ver a inclusão de escritores e escritoras negras como Alicia Gomes Barbosa, Ana Cardoso, Ana Paloma Silva e Bruna Bandeira, que também estão contribuindo para o crescimento e diversificação dos quadrinhos. Esses talentosos profissionais têm trazido novas perspectivas, histórias envolventes e representações autênticas para a arte dos quadrinhos, fortalecendo a inclusão e a representatividade dentro desse meio. Sua contribuição é fundamental para uma indústria mais diversa e igualitária.

À medida que avançamos é essencial que leitores, escritores, editoras, ilustradores continuem a promover a inclusão e a representatividade nos quadrinhos. Somente por meio de esforços coletivos e uma abordagem consciente poderemos criar histórias que sejam verdadeiramente reflexivas da sociedade diversa em que vivemos.

Para concluir, espero que seja apenas o começo de uma jornada mais ampla em busca de um mundo ficcional mais inclusivo, transformador e inspirador. As histórias em quadrinhos, nos permitem construir um futuro onde todos possam se ver representados e celebrados.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Elbert. **Que “negro” é esse nas histórias em quadrinhos? Uma análise sobre o Jeremias de Maurício De Sousa**

BARBOSA, Muryatan Santana **Eurocentrismo, História e História da África**

BLOCH, M. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. [s.l: s.n.].

BONIAFACIO, Selma de Fatima. **História e(m) quadrinhos: análises sobre a história ensinada na arte sequencial**

COATES, Ta-Nehisi. **PANTERA NEGRA-UMA NAÇÃO SOB NOSSOS PÉS**

EISNER, Will. **Narrativas Gráficas**. São Paulo: Devir, 2005

GUERRA, Fábio Vieira. **SUPER-HERÓIS MARVEL E OS CONFLITOS SOCIAIS E POLÍTICOS NOS EUA (1961-1981)**

JODELET, D. (2001). **Representações sociais: um domínio em expansão**. In D. KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru: EDUSC, 2001.

KRAKHECKE, C. **Representações da guerra fria nas histórias em quadrinhos Batman - o Cavaleiro das Trevas e Watchman.** [s.l: s.n.].

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas: UNICAMP, 1990.

LIMA, S. Q. **Garra de Pantera**

LOPES, Romildo Sergio. **Representações do negro nas histórias em quadrinhos norte-americanas convertido.** 2013

MAZAMA, A. **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora.** São Paulo: Selo Negro, 2009.

OLIVEIRA, Vitor Hugo Silva de. **Pantera Negra: representatividade e ancestralidade.** um estudo sobre as novas representações dos indivíduos negros em produtos audiovisuais.

PINSK, C.; BASSANEZI; Silva, A. **A Representação social do negro no livro didático: o que mudou?** Org.: [s.n.].

ROZ, S. **A África nas Histórias em Quadrinhos.** Disponível em: <<https://savioroz.wordpress.com/2016/11/12/a-africa-nas-historias-em-quadrinhos/>>. Acesso em: 4 jul. 2023.

ROZ, S. **All-Negro Comics: Pioneirismo negro nos quadrinhos dos anos 40!** Disponível em: <<https://savioroz.wordpress.com/2017/11/09/all-negro-comics-pioneirismo-negro-nos-quadrinhos-dos-anos-40/>>. Acesso em: 4 jul. 2023a.

ROZ, S. **Turistando na África das Histórias em Quadrinhos.** Disponível em: <<https://savioroz.wordpress.com/2017/11/10/turistando-na-africa-das-historias-em-quadrinhos/>>. Acesso em: 4 jul. 2023.

SIERPINSKI, N. **120 artistas negras para conhecer • Mina de HQ - Histórias em quadrinhos mais diversas.** Disponível em: <<https://minadehq.com.br/120-artistas-negras-para-conhecer/>>. Acesso em: 4 jul. 2023.

SMEE, G. **10 Roteiristas e Desenhistas Negros dos Quadrinhos.** Disponível em: <<https://splashpages.wordpress.com/2017/01/26/10-roteiristas-e-desenhistas-negros-dos-quadrinhos/>>. Acesso em: 4 jul. 2023.

SILVA, Ana Célia. **A Representação social do negro no livro didático: o que mudou? Por que mudou** 2011

VAZ, Danielle. **Pantera Negra: A Representatividade Negra e o Afrofuturismo Como Forma de Construção da identidade**

VIEIRA, F. S. **Do eurocentrismo ao afropessimismo** Reflexão sobre a construção do imaginário da “África. [s.d.].

WESCHENFELDER, G. V. **Os Negros nas Histórias em Quadrinhos de Super-heróis**